# ‘Caminho de São Tiago’ ou ‘Via Láctea’: por onde passam as escolhas lexicais no atlas linguístico do Paraná?

Selma Sueli Santos Guimarães*

## Resumo

Investigar uma língua e suas variações implica investigar também a cultura, pois é possível dizer que as características culturais de uma sociedade são, normalmente, armazenadas por meio do sistema linguístico, sobretudo por meio do léxico. No Brasil, a língua falada é o português. Apesar disso, verifica-se, em todo o País, uma grande diversidade na escolha lexical feita pelo sujeito para nomear a realidade à sua volta. O registro das variações linguísticas é, normalmente, obtido pela aplicação do Questionário Semântico-Lexical. O presente estudo tem o objetivo de depreender e identificar a produção de sentidos e os registros da memória discursiva subjacente aos elementos textuais-discursivos presentes nas respostas dos sujeitos a uma questão do Questionário Semântico-Lexical, utilizado para a elaboração do Atlas Linguístico do Paraná, por Aguilera em 1994. A questão é: *“Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?”*. Para a análise, foram examinados os itens lexicais utilizados pelos sujeitos em suas respostas, as notas relativas aos cartogramas e as observações da autora do atlas. A análise permitiu observar que as diversas escolhas lexicais, ao produzir novos efeitos de sentido, constituem-se no registro da memória discursiva na qual se inscrevem os sujeitos e da qual eles se apropriam em suas interações, sustentando

* Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (2013) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (2002). Possui graduação em Letras também pela Universidade Federal de Uberlândia (1996). É docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica (ESEBA) da Universidade Federal de Uberlândia, atuando no ensino e aprendizagem de línguas. ORCID: 0000-0003-4266-3198.

a ideia de que o sentido se produz em um espaço social diretamente ligado à inscrição ideológica do sujeito, pois sua voz revela esse espaço social no qual ele se inscreve.

Palavras-chave: Escolhas lexicais. Via Láctea. Memória discursiva.

# ‘Le chemin de Saint Jacques’ ou ‘Voie Lactée’: par où passent les choix lexicaux dans l’atlas linguistique du Paraná?

## Résumé

Faire des recherches sur une langue et ses variations implique faire des recherches sur la culture aussi, parce que c’est possible de dire que les caractéristiques culturelles d’une société sont, normalement, stockées à travers le système linguistique, surtout à travers le lexique. Au Brésil, la langue parlée c’est le Portugais. En dépit de ça, on vérifie, dans tout le pays, une grande diversité dans le choix lexical fait par le sujet pour nommer la réalité qui l’entoure. Le registre des variations linguistiques est, normalement, obtenu par l’application du Questionnaire Sémantique-Lexical. Cette étude a pour objectif général de comprendre et d’identifier la production des effets de sens et les registres de la mémoire discursive sous-jacente aux éléments textuels-discursifs présents dans les réponses des sujets à une question du Questionnaire Sémantique-Lexical, utilisé pour l’élaboration de l’Atlas Linguistique du Paraná, par Aguilera en 1994. La question est: “Pendant une nuit très étoilée, comment s’appelle l’espace plein d’étoiles, même blanchâtre, qui se trouve bien au milieu du ciel?”. Pour l’analyse, on a examiné les éléments lexicaux utilisés par les sujets dans leurs réponses, les notes relatives aux cartogrammes et les observations de l’auteur de l’atlas. L’analyse a permis d’observer que les plusieurs choix lexicaux, en produisant de

nouveaux effets de sens, se constituent comme le registre de la mémoire discursive dans laquelle s'inscrivent ces sujets et de laquelle ils s'approprient au cours de leurs interactions. Ce fait renforce l'idée que le sens se produit dans un espace social directement lié à l'inscription idéologique du sujet, puisque sa voix révèle cet espace social dans lequel il s'inscrit.

Mots-clé**:** Choix lexicaux. Voie lactée. Mémoire discursive.

Recebido em: 19/03/2020
Aceito em: 03/05/2020

## Introdução

E vi a Via-Láctea ardente…
Vi comunhões… capelas… véus…
Súbito… alucinadamente…
Vi carros triunfais… troféus…
Pérolas grandes como a lua…
Eu vi os céus! Eu vi os céus!
(MANUEL BANDEIRA, 1983, p.69)

O objeto de análise deste estudo é a questão de nº 32 do Questionário Semântico-Lexical, utilizado na elaboração do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, qual seja, – "Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?". Essa questão está incluída no domínio "Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc." e deu origem a dois cartogramas: o cartograma 16 "CAMINHO DE SÃO TIAGO (via-láctea)" e o cartograma 17 "VIA-LÁCTEA (outras designações)". Para a análise, foram examinados os itens lexicais utilizados pelos sujeitos em suas respostas, transcritas por Aguilera no ALPR, bem como as notas relativas aos cartogramas e as observações da autora. De acordo com o exposto por Aguilera (1994, p. 54), os cartogramas 16 e 17 retratam "a variação lexical em torno das denominações populares de via láctea".

O Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, de Vanderci de Andrade Aguilera, é o quinto na ordem cronológica de publicação dos atlas estaduais no Brasil. É um atlas de grande importância para a Geolinguística brasileira e para os estudos sobre o vernáculo. Constituiu-se, inicialmente, em tese de doutorado, apresentada em novembro de 1990, ao Instituto de

Letras, História e Psicologia, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, *campus* de Assis, foi sugerida pelo Prof. Dr. Pedro Caruso[1], da Disciplina de Dialetologia, e orientada pelo Prof. Dr. Rafael Eugênio Hoyos Andrade, ambos professores da UNESP. O ALPR foi publicado em dois volumes. O primeiro volume, que contém os cartogramas, as notas aos cartogramas e o contexto discursivo de algumas respostas, foi publicado em 1994, pela Imprensa Oficial do Estado e o segundo volume, o da Apresentação, contendo um esboço da história da colonização paranaense, os pontos linguísticos investigados, as características dos informantes, o questionário linguístico, a notação fonética, a apresentação das cartas e as notas explicativas, foi publicado em 1996, pela Editora da Universidade Estadual de Londrina.

O ALPR registra, além dos itens lexicais utilizados pelos sujeitos em suas respostas, o contexto discursivo de algumas respostas e também notas da autora do atlas relativas a essas respostas. Dado o interesse de se investigar a seleção e o emprego de determinados itens lexicais em função do processo sócio-histórico no qual são produzidos esses itens lexicais, com base nos postulados da Análise do Discurso de linha francesa, selecionaram-se respostas dos sujeitos-entrevistados, tais como foram transcritas pela autora do atlas. A análise foi possível pois os estudos geolinguísticos que consideram a atividade discursiva no momento da aplicação do questionário, que consideram a entrevista como uma situação de interação, como uma situação social, na qual a linguagem se atualiza, e reproduzem os diálogos e/ou as observações do pesquisador, permitem a análise dos itens lexicais presentes na fala dos sujeitos em suas respostas tendo como base o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa.

1 O Prof. Dr. Pedro Caruso foi o idealizador do Atlas Linguístico de São Paulo, que ainda está em fase de elaboração.

Segundo afirma Aguilera (1996, p. 133), o questionário linguístico adotado para a coleta de dados é de autoria de Caruso (1984), com algumas adaptações para o ALPR. A aplicação do questionário foi direta, isto é, *in loco*. É importante observar que, embora o ALPR tenha sido publicado em 1994, os questionários foram aplicados na década de 80, entre 1985 e 1989, segundo a data das entrevistas registradas por Aguilera (1996, p. 107-131). Trata-se de um questionário que envolve dois campos semânticos:[2] Terra e Homem. O primeiro campo abrange as seguintes esferas semânticas:[3] a) natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo; b) flora: árvores, frutos, etc.; c) plantas medicinais; d) fauna: aves, pássaros, outros animais. O segundo campo abrange: a) partes do corpo, funções, doenças, etc.; b) vestuário e calçados; c) agricultura, instrumentos agrícolas, etc.; d) brinquedos e jogos infantis; e) lendas e superstições, com um total de 325 questões (AGUILERA, 2005, 144-145).

A rede de pontos linguísticos do ALPR se constitui de 65 localidades, que considera fatores etno-geo-históricos de cada um dos pontos, inclusive a data de fundação. Segundo Aguilera (2005, p. 149), "os pontos foram marcados [...] com base na sede do município. No entanto, na maioria dos casos, as entrevistas foram realizadas em distritos ou comunidades rurais distantes do ponto marcado".

Para a seleção dos sujeitos, dois em cada localidade, um masculino e outro feminino, foram adotados os critérios da dialetologia tradicional, quais sejam: ter idade entre 30 e 60 anos, ser analfabeto ou semianalfabeto, ter nascido na localidade ou aí ter passado pelo menos três quartos de sua vida, se casado,

2 Mantivemos o termo "campos semânticos" conforme registrou Aguilera (1996, p. 133).

3 O termo "esferas semânticas" é empregado por Aguilera (2005, p. 144). Entretanto, para este trabalho, utilizamos o termo "domínio", adotado por Santos (2012, p. 39), a partir de Rastier (1987).

o cônjuge deveria também ser da mesma localidade, ser filho de família radicada na localidade, não ter feito longas viagens, nem ter feito o serviço militar, ser ou ter sido agricultor (AGUILERA, 2005, p. 150-151). As 130 entrevistas foram realizadas por Aguilera e por mais duas colaboradoras, possibilitando que a coleta de dados fosse a mais homogênea possível. Conforme atesta Aguilera (2005, p. 155), foi muito importante "ter selecionado pessoalmente todos os informantes e ter entrevistado pelo menos um de cada localidade, o que facilitou sobremaneira a transcrição fonética e grafemática das entrevistas".

## Análise

Em busca de acepções para Via Láctea, entre os vários dicionários consultados, seja do uso do português, seja de astronomia ou do folclore brasileiro, destacamos, primeiramente, a acepção de um dicionário de astronomia:

> galáxia espiral à qual pertence a Terra, de diâmetro igual a 100.000 anos-luz e espessura de 16.000 anos-luz. A faixa luminosa que atravessa o céu e que podemos facilmente observar é o plano horizontal desta espiral. Sua aparência leitosa deu origem ao nome Via-Láctea. Se a observarmos com um binóculo, este aspecto leitoso desaparece, surgindo inúmeras estrelas isoladas. Ao telescópio iremos descobrir os aglomerados estelares e as nebulosas que, com o sistema solar, formam o sistema da Via-Láctea, que compreende cerca de 100 bilhões de estrelas. Sua massa total é da ordem de 200 bilhões de massas solares [...] (MOURÃO, 1987, p. 841).

Em Borba (2002), Via Láctea é "nebulosa que aparece à noite como uma grande mancha branca no céu". Em Ferreira (2009), "nebulosa que forma longa mancha branca no escuro do céu". Para o verbete Galáxia, Ferreira aponta:

> [Do gr. *galáxia (Kyklos)*, 'Via Láctea'.] *Astr.* Sistema estelar ao qual pertencem o Sol, o sistema solar, todas as estrelas visíveis individualmente a olho desarmado, além de milhões de outras estrelas, gás e poeira interstelares, e que visto pela luneta se apresenta ao observador terrestre com uma esteira brilhante, Via Láctea. (FERREIRA, 2009)

As acepções citadas apontam semas inerentes[4] de Via Láctea, dentre os quais se destacam: i) faixa luminosa que atravessa o céu; ii) grande ou longa mancha branca no escuro do céu; iii) com aparência leitosa; iv) sistema formado por estrelas, gás e poeira interstelares; v) semelhante a uma esteira brilhante quando vista pela luneta.

Alguns desses semas apontados se atualizam na fala dos sujeitos-entrevistados no momento em que respondem ao sujeito-entrevistador. Citam-se, na sequência, três sujeitos que mencionam informações semelhantes, em suas respostas, para explicar o aglomerado de estrelas ao qual nomeiam de "Caminho de Santiago" ou "Caminho de São Tiago":

> Ao explicar como era o caminho de São Tiago, disse: "(...) ele dá um vurto branco (as)sim né, qui passa [...][5] (ALPR, ponto 06, sujeito A, cartograma 16)

> Depois de concluída a entrevista, na repergunta, ocorreu: "é, esse, essa risca branca dá : : que dá assim de... agora ele tá assim, mai na época memo do sor [= sol], dos dia quente, ele pega reto aqui, né, então chama **camim de Santiágua**". (ALPR, ponto 14, sujeito B, cartograma 16)

> A ocorrência de **caminho de Santiago** deu-se na repergunta, seguida da explicação: "é uma listra branca

4 Semas inerentes, segundo Rastier (1996, p. 44), são aqueles que se caracterizam como denotativos, distintivos, definitórios e universais e que se originam no sistema funcional da língua.

5 Essa e as outras falas dos sujeitos e observações da autora que serão aqui reproduzidas foram retiradas das notas aos cartogramas 16 e 17 do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, nas páginas 54 e 56. Os grifos são da autora do Atlas.

> de noite assim no céu... fica cheinho assim de estrela, fica bem branco, num é toda vida que tem, né". (ALPR, ponto 38, sujeito A, cartograma 16)

Caldas Aulete (1980), Ferreira (2009) e Mourão (1987) afirmam que Via Láctea também é chamada por Caminho de Santiago, Caminho de São Tiago, Carreira e/ou Carreiro de São Tiago, Estrada de Santiago e Estrada de São Tiago. Paiva (1979, p. 819) assevera que, "com o advento da era cristã, passou a Via Láctea a denominar-se, também, Caminho de S. Tiago, em homenagem ao padroeiro de Compostela (Esp.) e cujo suposto túmulo é, ali, ainda hoje, meta de peregrinações". Theophilo (2000, p. 24) comenta sobre uma lenda na qual "Carlos Magno, o grande Imperador do Sacro-Império Romano-Germânico, teve um sonho em que lhe foi dito que deveria atingir Compostela, seguindo a Via Láctea até o túmulo do apóstolo Tiago". Sobre a origem do nome Compostela, Theophilo (2000, p. 23) admite haver duas interpretações: uma viria de *"Campus Stellae"*, ou seja, campo estrelado, devido sua localização ao oeste da Europa, "onde no céu a Via Láctea se sobressai, em uma beleza espetacular para o observador". A outra interpretação viria de *"Compositum"*, ou seja, "cemitério, pelo fato de ali estar enterrado o apóstolo". Para Theophilo (2000, p. 24), a primeira versão é a mais evidente, pois acredita que a palavra "stella", que compõe o nome, refere-se "à beleza da Via Láctea ali bem visível a olho nu!". Diante dessas informações, não causa estranheza, a escolha lexical dos sujeitos-entrevistados. Para eles, "uma listra branca de noite assim no céu... [que] fica cheinho assim de estrela, fica bem branco" é o "caminho de Santiago". A formação discursiva na qual se inscrevem esses sujeitos lhes permite chamar a Via Láctea por "caminho de

Santiago", é sua memória discursiva que se atualiza no momento da enunciação, pois segundo afirma Courtine (2009, p. 5-6), "a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas". Sabe-se que o Paraná foi colonizado por portugueses, espanhóis e, também, por outros povos europeus, sendo, portanto, influenciado por suas culturas. Conforme assegura Aguilera,

> pelo Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 entre os reis portugueses e espanhóis, é bem provável que o território atual paranaense seria de domínio da Espanha. No entanto, durante os séculos XVI e XVII, sucederam-se, de um lado e de outro, tentativas de posse do território através de missões jesuíticas espanholas e bandeiras paulistas sob as ordens do governo português. [...] [Apenas em 1820 o território ocidental do Paraná passou definitivamente à coroa portuguesa] Em 1829, chegaram a Rio Negro os primeiros colonos alemães [...] Novas levas de imigrantes sucederam-se na década de 50: suíços, alemães, franceses, ingleses e italianos que se fixaram no litoral e nos campos até então desbravados. [...] De 1860 a 1900 estabeleceram-se mais de sessenta colônias com imigrantes poloneses, italianos, alemães, russos alemães, ucranianos, e por último, sírios e libaneses. (AGUILERA, 1996, p. 3-6),

Em Cascudo (1972), não encontramos o verbete Via Láctea. Entretanto, para o verbete Carreiro, temos a seguinte definição: "Carreiro-de-santiago é a via-láctea. Todas as almas devem atravessar o carreiro-de-santiago no caminho do céu" (CASCUDO, 1972, p. 249). Considerar a Via Láctea como – um caminho para o céu – é um novo sema aferente[6] que se atualiza na fala de alguns sujeitos-entrevistados. Isso fica evidente quando, ao responderem ao sujeito-entrevistador, afirmam:

6 Os semas aferentes são classificados como "conotativos, não distintivos, não definitórios e não universais, provenientes de outros tipos de codificações como normas socializadas e até mesmo idioletais" (RASTIER, 1996, p. 44). É possível dizer, portanto, conforme sugere Santos (2011), que os semas aferentes podem se originar em determinados contextos sócio-históricos, eles podem surgir de valores individuais, de crenças, de lendas e até mesmo de superstições.

> "(...) conheço mesmo por **caminho do céu**, né". (ALPR, ponto 12, sujeito A, cartograma 17)
>
> "que é incarriado assim? Nóis fala **istrada do céu**". (ALPR, ponto 18, sujeito A, cartograma 17)
>
> "a gente fala o **caminho de i**(r) **pro céu**, né?" (ALPR, ponto 23, sujeito A, cartograma 17)
>
> "(a)quele lá é, diz que é o **caminho do céu**". (ALPR, ponto 28, sujeito B, cartograma 17)
>
> Na repergunta ocorreu: "dizem que é o **caminho do céu**". (ALPR, ponto 53, sujeito A, cartograma 17)

Mota (2012), ao se reportar às peregrinações feitas pelos povos aos lugares santos, segundo as tradições religiosas de cada um, afirma que, semelhantemente, os cristãos, em suas peregrinações, deveriam ir a Jerusalém, a Roma ou a Santiago de Compostela. Para Mota,

> algo da importância libertadora ou iniciática desta peregrinação ecoa nas tradições portuguesas ao cantarem (ou fadarem...) o seguinte provérbio-poema: «S. Tiago de Galiza // É um cavaleiro forte, // Quem ali não for em vida, // Há-de ir lá depois da morte».[7] (MOTA, 2012, p, 1)

Ainda sobre essa peregrinação dos cristãos, Mota assegura:

> e de tal modo estava arreigada esta obrigação ou mandamento que se dizia que a Via Láctea era constituída de almas que faziam a peregrinação após a morte, já enquanto estrelas nos seus corpos espirituais. Era boa esta consciência que quase obrigava e propulsionava os que morriam sem lá ter ido a partirem nos seus corpos espirituais e enquanto almas dos "mortos" peregrinarem

7 Cascudo (1972, p. 249-250) atribui esse poema à J. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, 25. Porto, 1882. A primeira estrofe desse poema, segundo registra Cascudo (1972, p. 250), é: "S. Tiago de Galiza // Vós sendes tão intresseiro, // Ou em morte ou em vida // Hei-de ir ao vosso mosteiro".

> na Via Láctea. Mas para muitos povos a tradição é que ele era o caminho das almas para chegarem ao outro mundo, ou mesmo os mundos celestiais. (MOTA, 2012, p. 1)

Cascudo (1972, p. 250) faz alusão também ao poeta norte-rio-grandense, Ábner de Brito, que termina seu poema Via-Láctea usando "a imagem tradicional": "És por certo o caminho sacrossanto // Aberto em meio do infinito manto, // Por onde o poeta, quando morre, [passa."]. Percebe-se, na fala dos sujeitos-entrevistados, que a Via Láctea é, para eles, lugar de passagem, de transição, é "o **caminho de i**(r) **pro céu**". Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 953) afirmam que em várias tradições "a Via-Láctea aparece como um local de passagem, de origem divina, unindo os mundos divino e terrestre [...] Marca também uma fronteira entre o mundo do movimento e a imóvel eternidade".

Fica evidente, na fala desses sujeitos, a atualização do discurso religioso, revelando crenças e valores que os constituem e o lugar sócio-histórico-ideológico de onde enunciam. Outras designações para Via Láctea, apontadas pelos sujeitos, reforçam a presença do discurso religioso em seu discurso, apontando nomes de lugares com cunho religioso e/ou personagens bíblicos. Citam-se, a seguir, alguns exemplos:

> "eles falam é : : **caminho** [de] **Nosso Senhor**". (ALPR, ponto 03, sujeito A, cartograma 17)

> Ao se reformular a questão, reforçando-se os semas 'cortar o céu de fora a fora', observou: "não, (a)quela lá é **estrada de Roma**". (ALPR, ponto 07, sujeito A, cartograma 17)

> "(a)qui(lo) lá é **caminho de Maria**, né..." (ALPR, ponto 12, sujeito B, cartograma 17)

> Vacilou o tempo todo até registrar: "nós fala o **caminho dos anjo**, ma(s) num sei né, num entendo, né". (ALPR, ponto 17, sujeito B, cartograma 17)
>
> "é **estrada de São Francisco**... aquela **rua do São Francisco** que diz [...](ALPR, ponto 20, sujeito A, cartograma 17)
>
> "uns fala **caminho de Adão e Eva**, né". (ALPR, ponto 39, sujeito A, cartograma 17)
>
> "diz que é **carrero de São João Maria**". (ALPR, ponto 47, sujeito A, cartograma 17)
>
> "ah, tem gente que diz que é : : quando vê (a)quela faxa de estrela, assim, diz que é **estrada que Deus** cruza, né (...) **estrada que Deus passa**, né". (ALPR, ponto 56, sujeito B, cartograma 17)
>
> "(...) diz que(e) era **caminho de São Pedro** e tal, que o povo mai antigo falava, né". (ALPR, ponto 25, sujeito B, cartograma 17)
>
> "falava : : era **caminho de Adão**, parece que era uma coisa assim. Minha mãe falava que dava (a)quele ar assim de fora a fora (...) que era **caminho**... é **estrada de Adão**". (ALPR, ponto 24, sujeito B, cartograma 17)

Na fala dos dois últimos sujeitos, além da presença marcante do discurso religioso, revelado no emprego dos nomes bíblicos como São Pedro e Adão, fica perceptível a atribuição do nomear a outras pessoas, aos mais velhos, aos mais antigos. Nomear o fenômeno atmosférico **estrada** e/ou **caminho** não é um hábito recente, não é novo e vem sendo feito há muito tempo, pois "(...) diz que(e) era **caminho de São Pedro** e tal, que o povo mai antigo falava, né". Os costumes, as crenças, os valores se atualizam na voz dos sujeitos e revelam o lugar socioideológico de onde enunciam. O enunciado passa de boca em boca, de

geração em geração e se atualiza. O último sujeito citado atribui à mãe o costume de nomear Via Láctea **estrada de Adão**. Em sua resposta, ele afirma: "Minha mãe falava que dava (a)quele ar assim de fora a fora (...) que era **caminho**... é **estrada de Adão**".

Além de ser "o **caminho de i**(r) **pro céu**", a Via Láctea também é, para alguns sujeitos, "constituída de almas que faziam a peregrinação após a morte, já enquanto estrelas nos seus corpos espirituais" (Mota, 2012, p. 1). Isso fica visível quando, em suas respostas, os sujeitos-entrevistados atribuem designações à Via Láctea, tais como:

> "num é a **cova do Adom e Eva**?" (ALPR, ponto 01, sujeito B, cartograma 17)
>
> "**cova de Adão e Eva**". (ALPR, ponto 05, sujeito B, cartograma 17)
>
> Respondeu inicialmente: "(...) eu vô falá, num sei se é verdade, né; diz que aquela é a **cova da Eva**". Depois de reafirmar sua incerteza da verdade, comentou: "é : : as veiz, né, aparecia (a)quela mancha no céu assim, né, em dois, né; um diz que era a **cova da Eva**, oto [= outro] **do Adão**, né (...) agora num sei se é verdade ou num é, né". (ALPR, ponto 06, sujeito B, cartograma 17)
>
> Na repergunta, explicou: "é **sepurtura de Adão**, assim o povo fala, né". (ALPR, ponto 15, sujeito A, cartograma 17)
>
> Na revisão final registrou: "**cova de Adão e Eva**". (ALPR, ponto 29, sujeito B, cartograma 17)
>
> "puis [=pois] é nós... foi a **sepurtura de Jesus**" [...]. (ALPR, ponto 59, sujeito A, cartograma 17)
>
> Na repergunta: **caxão de Adão e Eva**, **de Adão** parece... é o **caxão de Adão**, quano o tempo tá muito limpo, né (...)". (ALPR, ponto 39, sujeito B, cartograma 17)

Interessante observar que um dos sujeitos, ao responder ao sujeito-entrevistador, não se refere a nenhum personagem bíblico, Adão, Eva, ou o próprio Jesus, como fez o sujeito A, do ponto 59. Esse sujeito, ao responder à questão sobre "aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu", revela uma crença ampliada, ao acreditar que na Via Láctea estão "enterradas" todas as pessoas mortas, independentemente de seus atributos cristãos ou galardão próprio, pois, em sua reposta, ele afirma que a Via Láctea é:

> "**sepurtura de pessoa que morre**". (ALPR, ponto 40, sujeito B, cartograma 17)

Além de tornar perceptível a marca do discurso religioso, que se revela de maneira fortíssima na materialidade linguística, a prática de leitura do objeto tomado como análise, isto é, a fala dos sujeitos-entrevistados, em resposta à questão sobre "a faixa luminosa que atravessa o céu", permite verificar que a variação lexical, em torno das denominações populares da Via Láctea, revela "curiosas e interessantes metáforas construídas com base em vocábulos compostos por 'caminho', 'estrada', 'carreiro', 'sepultura', entre outros, no primeiro elemento, e nomes religiosos ou bíblicos no segundo elemento" (AGUILERA, 1994, p. 54).

Além disso, em uma fala citada anteriormente, aparece um dado novo. Além de nomear a Via Láctea por "caxão de Adão", o sujeito a relaciona com o clima, quando diz:

> "... é o **caxão de Adão**, quano o tempo tá muito limpo, né (...)". (ALPR, ponto 39, sujeito B, cartograma 17).

Essa relação que se estabelece entre estrelas, lua e fenômenos atmosféricos e a possibilidade de leitura, adivinhação

ou compreensão do clima é um costume comumente verificado entre pessoas do campo, sobretudo as mais antigas, habituadas a observar a natureza e tirar dela lições de meteorologia. Em se tratando de sujeitos cuja profissão predominante é a de agricultor, não é estranho registrar, em suas falas, tal percepção. Além do sujeito citado, dois outros também se referem a essa possibilidade de relacionar a Via Láctea com a previsão meteorológica:

> "pois é sinar de chuva... é **estrada de São Francisco**... aquela **rua do São Francisco** que diz, **estrada do São Francisco**, é, bem, parece até que tem puera [= poeira] (as)sim junto e travessa (ass)sim vai longe assim". Completou: "(...) é sinar de bastante chuva". (ALPR, ponto 20, sujeito A, cartograma 17)

> Declarou, inicialmente, não conhecer o nome. Perguntou-se do 'caminho de Santiago': "ah, **caminho de Santiago** eu comprendo, que é uma estrela, né, conforme o lado, ele marca chuva, marca seca. Carrerinho da estrela, né, que faz assim: se faz no norte é pa chuva, se faz do mar é pa seca, se faz do sur é pa geada, no inverno (...) o **camim da Santiágua** é esse né, a gente comprende o tempo, né". (ALPR, ponto 62, sujeito A, cartograma 17)

Percebe-se, portanto, um novo sema aferente que se atualiza na fala dos sujeitos. Para eles, a presença e/ou a posição da Via Láctea possibilita a leitura do tempo, pois "conforme o lado, ele [o **camim de Santiágua**] marca chuva, marca seca [...] se faz no norte é pa chuva, se faz do mar é pa seca, se faz do sur é pa geada, no inverno".

Há um último aspecto, presente no discurso dos sujeitos, que se deseja ainda abordar. Ao serem questionados sobre crendices circunscritas em volta de Via Láctea, esses sujeitos não hesitam em afirmar:

> "(...) ele dá um vurto branco (as)sim né, qui passa (...) o pessoar fala que quano o craro passa em cima da ca(sa) duma moça, vai casá logo". (ALPR, ponto 06, sujeito A, cartograma 16)

> "(...) uns fala, por exemplo, [quando] tá por cima da casa que tem fia [= filha] moça, casa..." (ALPR, ponto 13, sujeito A, cartograma 16)

Segundo afirma Foucault (1995, p. 31), analisar o discurso é "compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação", é também "determinar as condições de sua existência". Dito de outra maneira, analisar o discurso é relacionar o enunciado à formação discursiva na qual ele se inscreve. Uma leitura rápida dos dois enunciados citados acima pode causar estranheza, pois, à primeira vista, a opacidade da língua não permite estabelecer uma ponte entre Via Láctea e casamento. Entretanto, levando em conta o homem na história e considerando "as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer" (ORLANDI, 2001a, p. 16), torna-se possível entrever o "não-dito" naquilo que se diz.

A partir da consulta feita em vários dicionários, apontamos para Via Láctea, entre outros, os seguintes semas inerentes: faixa luminosa que atravessa o céu; com aparência leitosa. Segundo a mitologia grega, Héracles ou Hércules (em latim), era um semideus, filho de Zeus e Alcmena. Ao nascer, seu pai, pretendendo torná-lo imortal, pede a Hermes que o leve para junto do seio de Hera ou Juno (em latim), sua esposa, enquanto esta dormia, e o fizesse mamar. A criança "sugou o leite com tal violência que Juno [Hera] despertou sobressaltada. Vendo o menino, afastou-o com um gesto brusco. O leite jorrou e se espalhou entre as estrelas, dando origem à Via-Láctea"

(SPALDING, 1965, p. 120). A fala do sujeito, "(...) ele dá um vurto branco (as)sim né, qui passa (...) o pessoar fala que quano o craro passa em cima da ca(sa) duma moça, vai casá logo", restaura vários "trajetos de sentidos" (GREGOLIN, 2007, p. 163) tradicionalmente associados ao casamento, como o véu e os valores simbólicos a ele relacionados. A aparência láctea ou leitosa da Via Láctea, isto é, sua aparência da cor do leite, alva, branca e seu formato em "faixa luminosa que atravessa o céu" remetem, ou fazem pensar no véu da noiva, do casamento religioso. O véu, geralmente, confeccionado em tule ou renda, curto ou longo, sempre esteve (ou ainda está) no imaginário de uma mulher e são raras as vezes em que uma noiva resiste à tentação de se ver com um véu diante do espelho. Além da cor branca, o véu também pode ter apliques ou ser bordado com cristais, miçangas ou *strass*, o que lhe acrescenta brilho e luminosidade, tal qual a Via Láctea. Além disso, "o famoso véu branco é também um **símbolo de pureza**. [...] Visualmente, ele passa um ar angelical e o uso dele, assim como o vestido branco, significa pureza e virgindade"[8]. Zilles (2006, p. 90) assegura que a cor branca do vestido da noiva [e do véu], em muitas culturas, simboliza festa e alegria.

Cruzam-se na fala dos sujeitos citados o discurso religioso e o social. O discurso religioso que institui o casamento como um dos sete sacramentos do catolicismo (HOUAISS; VILLAR, 2009) e pressupõe a imagem do véu, puro e branco como a Via Láctea e o discurso social que deixa implícita a ideia de que a mulher quer (sempre) se casar. Considerando-se o momento histórico em que foram produzidos esses enunciados, aproximadamente três décadas atrás, não parece ser demasiado absurda ou mesmo

8 Informação disponível em: <http://zankyou.terra.com.br/p/o-significado-do-veu-da-noiva>. Acesso em: 31 out. 2012.

inesperada a associação que se estabelece entre a Via Láctea e o casamento. Trinta anos atrás, na década de oitenta[9], era usual e aceitável a ideia da "recitação de um mito que forja a identidade feminina" (GREGOLIN, 2007, p. 165) na busca de um objetivo maior, que seria casar-se. Além do mais, naquela época, e, sobretudo, nos locais onde se aplicou o questionário, regiões de agricultura, a pouca luminosidade artificial do lugar propiciava a visão, a olho nu, da beleza das estrelas da Via Láctea. Portanto, sabendo-se que o sujeito se constitui na e pela linguagem, e que, segundo Courtine (2008, p. 13), "todo enunciador é um sujeito, ou seja, ao mesmo tempo, um sujeito histórico e um sujeito falante", é possível ouvir, sobretudo, da boca de uma mulher (sujeito A),[10] que, em uma noite estrelada, "quano o craro passa em cima da ca(sa) duma moça, [ela] vai casá logo".

A ideia de que as mulheres desejam, de qualquer maneira, casar-se, corresponde, de modo geral, aos papéis associados ao feminino que lhes são, desde cedo, atribuídos nos jogos infantis, como o "brincar de casinha", o "cuidar dos irmãos", o "preparar a refeição". Contrariamente a essa ideia, encontram-se os papéis associados ao masculino, que atribuem aos meninos a responsabilidade de "construir um patrimônio" e "suprir financeiramente" a casa e que, portanto, podem e/ou devem demorar mais que as meninas para casarem-se. Esse fato fica evidente na fala de um sujeito-entrevistado e poderia configurar numa posição machista, expressando um valor normalmente compartilhado na comunidade masculina. Esse sujeito, indagado pelas crendices, observa:

9 É importante observar que, embora o *ALPR* tenha sido publicado em 1994, os questionários foram aplicados na década de 80, entre 1985 e 1989, segundo a data das entrevistas registradas por Aguilera (1996, p. 107-131).

10 Segundo afirma Aguilera (1996, p. 107), os sujeitos designados por A são do sexo feminino e os designados por B do sexo masculino.

> "é, ela [a mãe] (a)inda tinha que quando ele vinha fácil, certinho por riba da casa diz que ia casá um filho. Eu falava pra veia [= velha, a mãe]: num vai pegá no meu pé, não, que eu sô muito novo". (ALPR, ponto 33, sujeito B, cartograma 16)

Observa-se, nas três falas citadas, a atualização do tema do casamento que circula no senso comum. A moça, sempre desejosa de casar-se, gostaria de ver a Via Láctea passar sobre sua casa, anunciando que o dia tão esperado se aproxima, ou que a chegada de um príncipe está às portas. O rapaz, por outro lado, não se julgando preparado, diz pra mãe: "num vai pegá no meu pé, não, que eu sô muito novo".

O mito, segundo Chauí, no sentido antropológico,

> é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade [...] é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e idéias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. (CHAUI, 2001, p. 9)

Nesse sentido, é possível pensar que a cena se repete e o mito se atualiza. Hoje, não é mais costume entre as moças olhar o céu pra saber se a Via Láctea está por cima de suas casas, mesmo porque com a luminosidade intensa das cidades não é possível uma boa visualização das estrelas. Na vida moderna, não se olha mais o céu, já não há mais romantismo de namorar sob o luar e falar sobre estrelas. Entretanto, o mito encontra uma nova linguagem para expressar-se. É costume, nas festas de casamento, reunirem-se as moças solteiras para saber qual delas será a próxima a casar-se. Durante a festa, em um determinado momento, que é sempre anunciado, a noiva lança seu buquê, que descreve no ar uma trajetória, e porque não dizer, uma trajetória

semelhante à da Via Láctea. A moça que consegue pegar o buquê é a que vai se casar primeiro, pois, "o pessoar fala que quano [pega o buquê], vai casá logo".

## Considerações Finais

A análise permitiu constatar que o sujeito-entrevistado, ao responder às questões propostas, revela que sua escolha lexical é determinada pela formação discursiva na qual ele se inscreve. Sua escolha lexical não é inocente ou aleatória, mas ela está diretamente ligada ao contexto sócio-histórico-ideológico do qual ele enuncia. É a partir do lugar de onde o sujeito enuncia, a partir das condições de produção nas quais ele se inscreve, que suas palavras ganham sentido.

Desse modo, podemos dizer, com Pêcheux (2006), que o trabalho de leitura das respostas dos sujeitos-entrevistados, na atividade discursiva, e das notas referentes aos cartogramas de um atlas linguístico tem a propriedade importante de trabalhar a memória de um grupo social. Essa prática de leitura torna possível "multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo" (PÊCHEUX, 2006, p. 44). Essa prática de leitura possibilita o entendimento da presença de "não-ditos" no interior do que é dito, pois o sentido das palavras não é imanente, mas se constrói a partir de um espaço discursivo marcado por instabilidades promovendo movências de sentido (FERNANDES, 2008).

A análise do objeto discursivo permitiu observar o entrecruzamento de diferentes discursos e coloca em pauta uma questão aventada por Foucault (1995, p. 31): "como apareceu

um determinado enunciado e não outro em seu lugar?". Esse questionamento frente à aparição de diferentes itens lexicais nas respostas dos sujeitos à pergunta "Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?" levou à busca da compreensão de tais enunciados como integrantes de diferentes discursos. Entre os diferentes discursos entrecruzados[11] na voz dos sujeitos-entrevistados, apreenderam-se o discurso religioso e o discurso social determinando a escolha lexical expressa em suas respostas e desvelando crenças e valores dos grupos sociais que esses sujeitos integram.

O presente trabalho, ainda que não exaustivo, procurou demonstrar que é possível tomar trabalhos geolinguísticos como objeto de estudo da Análise do Discurso, quando esses trabalhos, sobretudo os atlas linguísticos, além de ilustrar por meio de cartogramas a variação linguística observada em um determinado local e em um espaço de tempo também determinado, trazem a transcrição das respostas completas dadas pelo sujeito-entrevistado. Essa análise, com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, é possível ser feita quando os atlas linguísticos, ao investigar o conjunto de designações que os falantes/ouvintes atribuem ao mundo/espaço referencial ou imaginário, consideram o sujeito na atividade discursiva que envolve a aplicação do questionário

Para a compreensão da escolha e uso de diferentes itens lexicais dados como respostas pelos sujeitos-entrevistados, fez-se necessário recorrer à História com o intuito de explicitar os processos socioideológicos que viabilizam a presença desses

11 A expressão discursos entrecruzados está referendada por Fernandes (2008, p. 26) que, ao conceituar sujeito na Análise do Discurso, diz que ele "não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem."

enunciados e os referendam como integrantes de uma dada formação discursiva. Conforme assegura Gregolin (2006, p. 89-90), "entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado".

Os efeitos de sentido desses enunciados revelam seus espaços de enunciação, isto é, os lugares sociais assumidos pelos sujeitos. Nesse sentido, pode-se dizer que as respostas apontadas no cartograma corroboram a noção de um sujeito discursivo que integra a história e revela em sua voz aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras, o que sustenta e torna válida sua escolha lexical. Gregolin (2007, p. 167) salienta que "cabe ao analista de discurso investigar as condições complexas (que são, ao mesmo tempo, da ordem da linguagem e da ordem da história) nas quais se realizou um determinado enunciado, condições que lhe dão uma existência específica". Nas palavras de Altenhofen (2006, p. 177), "nenhum fato linguístico ocorre no vácuo, pela simples razão que constitui, acima de tudo, um fato social e histórico". Ferreira (2008, p. 307) afirma que "seja popular, seja erudita, cada palavra é um caso, tem uma história, uma vida".

Nesse sentido, é possível dizer que as diversas escolhas lexicais, produzindo novos efeitos de sentido, se constituem no registro da memória discursiva na qual se inscrevem esses sujeitos e da qual eles se apropriam em suas interações. Sua fala, perpassada por sentimentos, crendices, superstições ou costumes próprios desses sujeitos, revela os vários discursos de que participam, os quais, produzindo sentidos entre os locutores, desvelam as transformações sócio históricas de um grupo social.

Esse fato reforça a ideia de que o sentido se produz em um espaço social diretamente ligado à inscrição ideológica do sujeito, pois sua voz revela esse espaço social no qual ele se inscreve.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**: apresentação. Londrina: Editora da UEL, 1996.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EDUEL, 2005. p. 137-176.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre Dialetologia e História. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira – Poesias reunidas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Rio de janeiro: Tecnoprint, 1972.

CHAUI, Marilena de Souza. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 17. ed. Rio de janeiro: José Olympio, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p.11-19.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 99-121.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Os sujeitos e os discursos na história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves et al. (Org.). **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p.111-122.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, Manuela Barros. Língua e património: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**: Brasil – Portugal. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. p. 289-311.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, M. do R. V.; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do Discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2001. p. 60-78.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 155-168.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. **A intertextualidade em Clarice Lispector:** uma visão contemporânea da narrativa bíblica. 118 f. Dissertação (mestrado). Uberlândia: Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. Geolinguística e Análise do Discurso: possibilidades de recorrências. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. **Anais** eletrônicos do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba: Contexto, 2011. p. 3977-3989.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. Chuvisqueiro, chuva fina, garoa ou neblina. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana C. (Org.). **Sociogeolinguística em questão**: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 67-88.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1 CD ROM, 2009.

MOTA, Pedro Teixeira da. **Da Via Láctea**. Disponível em: <http://fundacaomaitreya.com/cronica.php?ida=528>. Acesso em: 29 out. 2012.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 68: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-71.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001b.

PAIVA, Jorge O'Grady. **Dicionário de astronomia e astronáutica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial, 1979.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso.** Textos escolhidos por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 141-150.

RASTIER, F. **Sémantique interprétative**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. A variação lexical em atlas linguísticos paulistas: considerações em torno de "chuva". In: SILEL. Uberlândia, 2011. **Anais...** CD-Rom. Uberlândia: UFU, 2011. v. 2.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Sociolinguística e interação face a face: diálogo possível. In: SANTOS, Irenilde Pereira dos; CRISTIANINI, Adriana C. (Org.). **Sociogeolinguística em questão**: reflexões e análises. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 33-50

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário da mitologia Greco-latina**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.

THEOPHILO, Francisco. **Coincidências da Via Láctea**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

ZILLES, Urbano. **Significação dos símbolos cristãos**. 6. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.